

O Mistério da nossa Conformidade a Cristo

Segundo o sacerdote dominicano L. J. Callens, em seu livro O Mistério da nossa Conformidade a Cristo, o que dá sentido à vida é ter um ideal, uma razão relevante para viver. Mas não basta um ideal transitório. É preciso um “ideal permanente”, pelo qual valha a pena investir toda a vida, com tudo o que temos e somos, sem reservas.

Para nós, cristãos, esse ideal foi colocado pelo próprio Criador na vida de cada um. “Aqueles que Deus distinguiu na sua presciênciia, predestinou-os também para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8, 29).

Deus nos quer à imagem de seu amado Jesus. Cristo é o modelo que cada cristão deve atingir. Então, o Pai olhará para ele e dirá o mesmo que disse de Seu Filho: “Este é um filho amado em quem ponho toda a minha afeição”.

Quanto mais nos identificarmos com Cristo, mais o Pai nos amará. Cristo é a Imagem visível do Deus invisível.

Deus criou Adão tomando como modelo seu Filho. O homem foi criado à imagem de Cristo. Quando o pecado entrou no mundo, essa imagem se desfigurou: o homem perdeu a semelhança com Deus.

Agora é preciso refazer essa imagem. Esse é o ideal permanente de todo cristão. A vida cristã consiste num trabalho de identificação com Cristo, que nos leve a abraçar a mentalidade, ideias e vontade de Cristo.

Cristo veio ao mundo recriar o homem, restaurar essa semelhança com Deus, refazer em nós a sua Imagem.

Ele nos deixou um caminho de salvação pelo qual podemos voltar a ter a sua Imagem, como deseja o Pai.

Cristo veio realizar a Obra da Redenção com dois objetivos: glorificar a Deus e salvar o homem através da Cruz.

A vida de todo homem deve ter esses mesmos objetivos: a glória de Deus e a salvação das almas.

Nosso Batismo:

No Batismo Cristo nos invadiu, passamos a pertencer a ele. Viver a vida cristã é ter consciência dessa pertença a Cristo.

Todos os batizados são chamados a se identificar com Cristo e participar da mesma obra que ele: a Obra da Redenção.

Como conseguir?

Será necessário empregarmos o mesmo meio de Cristo.

Intimidade com o Pai: vida de oração.

A vida de Cristo tinha sempre como referência o Pai. Passava em oração a noite toda. Como Cristo, devemos reservar momentos para estar com o Pai. Nossa intimidade com o Pai deve ser concretizada em certas horas do dia na oração silenciosa, na nossa vida de oração e na vida litúrgica.

É em nossa intimidade com Deus que encontraremos força para cumprir nosso destino. Intimidade com Deus implica busca de contato com Deus, concentração de forças em Deus, silêncio interior.

É preciso estar vigilantes para aproveitar todas as ocasiões para elevar o pensamento a Deus.

É necessário evitar a estafa que o ativismo provoca. A preocupação com a quantidade prejudica a qualidade. O trabalho excessivo para Deus traz dispersão de forças, mina as energias e gera cansaço. Se deixamos que a vida exterior nos invada completamente, estamos consentindo em não mais permanecer à disposição de Deus e deixando extinguir-se o Espírito Santo em nós.

Em vez disso, devemos recorrer frequentemente ao Espírito Santo, que nos ensinará a ver como Deus e nos dará a força de seguir suas indicações.

O Espírito Santo por seu dom de piedade nos moverá a um sentimento filial para com Deus.

O dom da sabedoria nos faz sentir nascer em nossa alma o gosto e o desejo de tudo apreciar, de tudo considerar segundo a verdade de Deus. Receberemos esse dom na medida do fervor e das necessidades espirituais da alma.

O dom da sabedoria nos faz apreciar e amar unicamente as coisas de Deus. Possuir esse dom é adotar o pensamento de Deus a fim de reencontrá-lo como explicação suprema de tudo o que conhecemos, julgamos e decidimos.

Perigos que dificultam a nossa aproximação de Deus:

Atividades que nos impedem de nos ocuparmos de Deus por causa das preocupações e dispersão que provocam. Querer responder a todas as

necessidades do próximo esgota as forças físicas e as reservas espirituais numa ação desmedida.

Finalidade da liturgia na vida cristã:

Operar uma concentração das forças espirituais da alma no Senhor, tornado único objeto de contemplação. Tudo nela predisporá a essa oferenda sem reservas. É todo o nosso ser que se oferece ao Senhor durante esse tempo que lhe consagramos. O espírito está totalmente orientado para Deus, com todas as suas potências:

a inteligência, para penetrar o sentido das palavras que os lábios articulam;

a imaginação, para criar a sensação de uma presença amante ao lado daquele que reza;

a vontade, que sustenta a atenção para que se aplique com continuidade.

Até o próprio corpo se associa a essa orientação total para o Senhor pelas atitudes que toma, quando o coração exprime sua adoração, pela prostração, seu arrependimento, no ajoelhar-se, sua fé, na posição de pé em que se proclama.

O próprio tempo que demos ao Senhor foi a ocasião bendita de dizer-lhe que tudo em nossa vida lhe é consagrado e que não encontramos melhor emprego para o nosso tempo do que submetê-lo àquele que o concede, desejando que permaneça inteiramente em sua mão.

Assim, a liturgia possibilita o dom do próprio ser a Deus, levando-o a ocupar-se somente de Deus.

Trabalhar é orar? Não.

O trabalho do dia nos esgota; não pode substituir a oração. Mesmo assim, alguns cristãos suprimem a oração em proveito do trabalho.

O trabalho quotidiano é querido pelo Senhor, mas não é o trabalho em si mesmo que santifica, e sim o amor com que a ele nos entregamos.

O que Deus quer de nós?

Ele espera que ponhamos a oração em nossa vida, de forma que possamos estar frequentemente com ele. Durante esses momentos de intimidade, nos formará, nos educará.

A grande alegria de Deus é sentir seus filhos perto dele para que possa iniciá-los nos mistérios de sua vida e revelar-lhes seus segredos.

Temos que ir a Deus pelo caminho que ele mesmo indicou: o de nossas respectivas vocações. É preciso nada mudar dessa disposição e aceitar com coração tranquilo todos os pequenos detalhes de nossas vidas.

Cristo Jesus viveu em plenitude essa intimidade com o Pai. É, pois, com os olhos fixos nele que poderemos vivê-la por nossa vez, e assim nos conformarmos a ele, não primeiramente pela reprodução de tais ou quais gestos ou atitudes suas, mas no profundo da alma. É todo o ser que se deve empenhar nesse esforço de identificação a Cristo.

Aplicando-se nisso, o cristão sabe que visa a realizar um sonho: que o Pai, vendo-o viver, reencontre nele a imagem de seu Filho, daquele em que pôs todas as sua complacências e no qual se exprime inteiro.

A Eucaristia:

A Eucaristia transforma em Cristo e dá força para realizar a sua obra.

A Eucaristia responderá plenamente à nossa necessidade de união com Deus e nos permitirá assim realizar a mesma obra que o Filho de predileção: nossa adesão efetiva e eficaz ao drama da Redenção.

A Vontade do Pai

O Filho ama o Pai infinitamente. Por isso quer fazer em tudo a vontade do Pai: “Meu alimento é fazer a vontade do Pai e realizar a obra que ele mandou” (Hb 10, 9).

Jesus renunciou à própria vontade para fazer a vontade do Pai: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Não se faça, porém, a minha vontade, mas a Tua”.

Temos que nos identificar com Cristo não só nos sentimentos, gestos e atitudes, mas de uma maneira mais profunda: fazendo em tudo a vontade de Deus.

A vontade de Deus é que sejamos santos.

Nossa “conformidade a Cristo” é essencialmente uma adesão a todas as vontades divinas que nos dizem respeito. Vontades de mandamentos, de bem-aventuranças e de complacência.

Vida cristã = vontade de Deus em exercício.

Deus se propõe acabar sua obra na alma fazendo-a transpor o último degrau que a fará aderir a ele; fará com que ela ouça suas vontades de complacência.

É o ponto culminante de sua educação, o coroamento de sua obra na alma.

Vontades de complacência

São aquelas através das quais Deus deseja desenvolver a generosidade de uma alma, conduzi-la pouco a pouco ao dom total de si mesma.

A fidelidade às vontades de complacência de Deus torna-se o critério infalível da ascensão de uma alma para a perfeição espiritual e o sinal de sua conformidade plena a Cristo.

No seu coração desabrochou um amor irredutível, uma afeição ao Senhor tão verdadeira, tão espontânea, que sua alegria será contentá-lo em tudo. Foi esse amor que Cristo testemunhou ao Pai durante toda a sua vida: “Eu sempre faço o que é do agrado daquele que me enviou” (Jo 8, 29).

Deus quer que o coração se entregue inteiro e sem reservas a ele.

Deus se esforçará, dia após dia, por desenvolver em nós a generosidade; esta manifestará a autenticidade do amor. Amor que se expressa na doação de si mesmo.

Como você aceita as vontades divinas no exercício de sua vida cotidiana?

Quais são as suas reações perante as contrariedades, os imprevistos, as decepções?

Serve seu Senhor na alegria e seu entusiasmo é comunicativo?

Dá a impressão de saúde moral, de equilíbrio ante as mil e uma dificuldades que toda vida comporta?

Numa palavra, é achado fiel no caminho?

Esse ideal vivido em plenitude na vida da Virgem Maria

Na Anunciação – o transtorno de toda a sua vida.

Belém – a adesão à pobreza, a aceitação da miséria.

A partida para o Egito – o caminho da incerteza quanto ao futuro.

Os longos anos da vida oculta em Nazaré, o trabalho apagado de cada dia em monótonas tarefas.

A solidão durante os anos do ministério apostólico de seu Filho.

Aderir a esse ideal: uma luz nova para a vida.

Deus nos impõe penas, exige sacrifícios, quer forçar a porta do nosso coração: ocasiões que Deus nos oferece de crescer no seu amor.

Consideremos somente o aspecto positivo das ações divinas e permaneceremos em grande paz.

Deus me fala; convida-me a superar a mim mesmo, a dominar minhas hesitações e vencê-las; pede-me isto ou aquilo, e eu aceito, apesar de nada compreender, e submeto-me à sua vontade.

Somente essa visão de fé lúcida, confiante, sobre as vontades divinas, é capaz de sustentar a coragem nas horas difíceis da vida. Somente os que a possuem conhecem-lhe o valor. Os outros desencorajam-se, interrogam o Senhor porque não compreendem nada de sua conduta, rebelam-se às vezes, e assumem para com ele uma atitude de desconfiança e inimizade que rompe toda intimidade.

Um ideal vivido para os outros (outro aspecto a considerar)

A vida do cristão está essencialmente orientada para os outros. Tornado participante do drama da Redenção, contribui para salvar seus irmãos e, de maneira misteriosa, mas eficaz, para a sua ascensão espiritual.

É o mistério da comunhão dos santos, dessa solidariedade que nos prende uns aos outros e que nos une para além das fronteiras, para além da diversidade das condições humanas.

Nenhuma necessidade há de nos conhecermos. Deus que vê aqueles seus filhos que estão na necessidade, reparte seus bens e lhes distribui o que outros acumularam para eles.

“Senhor, quero assentir a todas as vossas vontades para provar-vos a que ponto vos amo e o lugar que ocupais em minha vida. Que vós sejais tudo para mim e que eu jamais vos decepcione”.

A vida cristã é comandada pelo amor de um Pai. O que o Senhor espera de seus filhos é que o amem e que encontrem nele o Pai que procuram contentar e alegrar com uma fidelidade digna de seu amor.

É nas vontades de complacência filialmente aceitas que encontraremos múltiplas ocasiões de manifestar nosso amor e de ser um só coração e uma só alma com ele.

A Cruz

“Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”.

Renuncie a si mesmo = esvazie-se de si mesmo.

Esvaziar-se de si mesmo = retirar do coração o apego aos afetos terrenos e aos bens materiais. Desapegar-se do próprio modo de pensar e sentir.

Este é o sentido da vida:

nossa conformação a Cristo